

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

COLÓQUIO INTERNACIONAL

**ARTE E POLÍTICA: RASTROS DA VIOLENCIA NO BRASIL, NA AMÉRICA LATINA E
EM ESPECTROS ALÉM-MAR**

1º a 5 de dezembro de 2025, Campus Universitário de Goiabeiras

Organizadores:

Gaspar Paz (Ufes), Thaynã Targa (Nova de Lisboa), Thays Alves Costa (IFPA), Roney Jesus Ribeiro (Ufes), Margarida Brito Alves (Nova de Lisboa), Cristina Pratas Cruzeiro (Nova de Lisboa)

PROGRAMAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES

Comissão Organizadora:

Amanda Coura (Ufes), Guilherme Medeiros (Ufes), Monick dos Santos (Ufes), Simara Amorim (Ufes), Thaynah Bettini (Ufes)

3 de dezembro de 2025 (Quarta-feira)

9h

Comunicações EIXO 1: Memória e violência em contextos ditoriais
Local: Auditório CEMUNI IV (Centro de Artes - Ufes)

Memória, urgência e radicalismo: o messianismo histórico no poema revolucionário de León Felipe
Felipe Vieira Paradizzo

Ativismo, sexismo e resistência poética: o trauma em três poetas presas pela ditadura militar brasileira
Giselle Lopes Souza

Imagens da violência brasileira em Luiz Roberto Salinas Fortes: uma leitura à luz de Marilena Chaui

Lucas de Oliveira Rodrigues
Gaspar Paz

Testemunho e trauma em *Murro em ponta de faca*
Maria Clara Gonçalves

Do riso à dor: testemunho na obra de Sérgio Sampaio
Noemi Lima Masters
Wilberth Claython Ferreira Salgueiro

	<p>A poesia lampiônica e seu teor testemunhal Rodrigo dos Santos Dantas da Silva</p> <p><i>Mediação: Roney Jesus Ribeiro (Ufes).</i></p>
9h	<p>Comunicações EIXO 2: Ativismo artístico e cultural <i>Local: Auditório Carlos Drummond de Andrade (Biblioteca Central da Ufes).</i></p> <p><i>La Malasangre</i>, de Griselda Gambaro, na pós-ditadura da Argentina Amanda Guimarães Tito Coura</p> <p>“Eu quero votar para presidente”! — o ativismo artístico como ferramenta de combate à ditadura militar nos comícios diretas-já Ariel Cherves Batista</p> <p>A formação estética nos Centros de Referência Das Juventudes (CRJs) do Espírito Santo (ES) Emily da Silva Dias Priscila Monteiro Chaves</p> <p>A literatura como conhecimento sociológico: a esfera civil em <i>Cuarteles de invierno</i>, de Osvaldo Soriano Roberto Oltramonti</p> <p>Mulheres do povo tupiniquim: papéis sociais, trajetórias e resistência Solveig Josefina Villegas Zerlin</p> <p>O livro Inventário do medo (1997) de Lara de Lemos: poesia contra a ditadura Sorrana Nikely Rodrigues de Souza</p> <p><i>Mediação: Amanda Coura (Ufes).</i></p>

4 de dezembro de 2025 (Quinta-feira)

9h	<p>Comunicações EIXO 3: Rastros da violência nos dias de hoje <i>Local: Sala de Seminário (Biblioteca Central da Ufes).</i></p> <p>Loucura, memória e testemunho em Depois de tudo tem uma vírgula Daniella Bertocchi Moreira</p> <p>Livros ilustrados e o reencantamento em tempos de violência Fabiana Pedroni</p> <p>Ecos da violência e denúncia social na prosa de Rubem Fonseca Jéssica de Mello Barreto</p> <p>Autoficção e memória durante as ditaduras na América Latina Noemi Lima Masters Edna da Silva Polese</p>
----	--

	<p>Cordéis Políticos: crítica e sátira ao bolsonarismo, em versos, na imprensa do Espírito Santo Vitor Bourguignon Vogas</p> <p>Arte como alvo: a mobilização de afetos da extrema direita na última década Rodrigo Hipólito</p> <p><i>Mediação: Simara Amorim (Ufes).</i></p>
9h	<p>Comunicações EIXO 4: Cinema, Literatura, Música e Estética <i>Local: Auditório CEMUNI IV (Centro de Artes - Ufes)</i></p> <p>As enunciações da separação e do reencontro em “Yõg Ìtak: Meu Pai, Kaiowá” Alana de Oliveira</p> <p>A contracultura e a revolução poético-musical da Música Popular Brasileira no período da ditadura militar Carlos Versiani dos Anjos</p> <p>Estética, política e resistência nas <i>cybercharges</i> de Marcio Vaccari (2019-2022) Hellen Carla dos Santos Cesário João Claudio Arendt</p> <p>Pedagogia midiática autoritária em <i>Elite</i> (Netflix): reflexos sobre a juventude no Brasil contemporâneo Jean Carlos Pereira Maria Amélia Dalvi</p> <p>Teatro infantil e Ditadura: Análise da peça História de Lenços e Ventos, de Ilo Klugli Maria Amélia Dalvi Victor Gagno Grillo</p> <p>Notas sobre cinismo na prosa de Chico Buarque Vitor Siqueira Macieira</p> <p><i>Mediação: Guilherme Medeiros (Ufes).</i></p>

5 de dezembro de 2025 (Sexta-feira)

Comunicações on-line: As lutas contra as ditaduras além-mar

9h	<p>Mesa 1 - Eixo: Memória e Violência em Contextos Ditatoriais <i>Mediação: Monick dos Santos.</i></p> <p>Delírio Tropical: imagens de um país em transe — memória, ditadura e potências de reexistência Bruno Marques</p> <p>Fayga Ostrower: arte e resistência em tempos de guerra e autoritarismo Marina Pedreira Aragão</p>
----	---

	<p>Memória, feminismo e resistência: 50 anos do Jornal Brasil Mulher Mariana Alves Leal Solange Straube Stecz</p>
10h30	<p>Mesa 2 - Eixo: Ativismo Artístico e Cultural <i>Mediação: Cristina Pratas Cruzeiro, Margarida Brito Alves.</i></p> <p>Um corpo que cai Aline Goldberg</p> <p>Escrever Contra as Paredes: Leituras Contra a Ordem das Coisas – O ‘Tag’, o Pixo e a Liberação Comunal Benedita Salema Roby</p> <p>Arquivo Graciela Carnevale: arte, resistência e sobrevivência na ditadura militar argentina Tainan Barbosa</p> <p>Canções de Resistência e Poéticas da Desigualdade: Azagaia, Emicida e Jacek Kaczmarski diante da Violência do Poder Renata Díaz-Szmidt</p>
12h	<p>Intervalo.</p>
14h	<p>Mesa 3 - Eixo: Rastros da Violência na Atualidade <i>Mediação: Thaynah Bettini.</i></p> <p>Referências políticas recorrentes: desafiando linguagens autoritárias com Operation Sunken Sea, de Heba Y. Amin Amanda Tavares</p> <p>“Jaz morto e arrefece”, de Clara Menéres: entre memórias da guerra colonial e dores universais. Paula Ribeiro Lobo</p> <p>REVULSIONAR CARTOGRAFIAS: práticas conceitualistas e potência política em contextos ditatoriais no Brasil e na Argentina Deborah Moreira de Oliveira</p> <p>Calabar: A identidade poética do teatro de Chico Buarque Maria Eduarda Caser Rocha Gaspar Paz</p>
15h30	<p>Mesa 4 - Eixo: Cinema, Literatura, Música e Estética <i>Mediação: Simara Dias Amorim Silva.</i></p>

O trágico e o autoritarismo: categorias trágicas baiano-brasileiras em *Eu acuso o céu*, de Dias Gomes

André Silva dos Santos

O caso dos edifícios nativistas no Rio de Janeiro: arquitetura, artes decorativas e ditadura

Gustavo Borges Corrêa

Entre a poesia e a prosa: infâncias literárias e ditadura no Cone Sul

Johny Paiva Freitas

Assistir, aprender e não esquecer: os atravessamentos de meio-dia (1970), de Helena Solberg

Mariana Alves Leal

Solange Straube Stecz

CADERNO DE RESUMOS

Um corpo que cai

Aline Goldberg

Pós-doutoranda em Letras

Universidade Federal do Espírito Santo

alinegoldberg0312@gmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe uma reflexão sobre a representação simbólica e estrutural da violência nas narrativas contemporâneas, considerando, como objeto de análise, a obra cinematográfica João Parapeito, de André Queiroz. O objetivo é pensar a articulação do personagem homônimo, um saltimbanco, que salta (de) parapeitos, representando a violência simbólica de um possível suicida, de forma performática, para chamar a atenção de um público e garantir alguns trocados. A metodologia baseia-se na análise da obra em questão em diálogo com os estudos do próprio autor: André Queiroz, Sigmund Freud, Johan Galtung, Jesse Souza e Pierre Bourdieu, que discutem os possíveis mecanismos de internalizações e externalizações da manifestação da violência social e/ou simbólica no sujeito.

Palavras-chave: representação simbólica e estrutural; saltimbanco; ficção contemporânea.

***La Malasangre*, de Griselda Gambaro, na pós-ditadura da Argentina**

Amanda Guimarães Tito Coura

Doutoranda em Letras

Universidade Federal do Espírito Santo

amandatitocomunica@gmail.com

Resumo: O presente estudo apresenta discussões a partir do texto dramatúrgico “La Malasangre”, de Griselda Gambaro, criado durante os anos de 1977 e 1980. A autora argentina o escreveu enquanto esteve exilada na Espanha, devido a perseguições sofridas em meio ao regime ditatorial presente em seu país de origem. O espetáculo só estreou nos palcos em 17 de agosto de 1982, após o declínio da ditadura na Argentina e, além de muito aguardado, foi elogiado por jornalistas e críticos do teatro. O roteiro é ambientado dentro de uma casa, em meio a uma rotina familiar, e demonstra de forma ora sutil, ora explícita, a violência nas relações, desde uma esfera micro ao cenário macro, perpassando por questões de gênero, abuso de autoridade e outras, apresentando o uso de metáforas e simbologias, muito comum em tempos de repressão. Com reflexões à luz de Theodor W. Adorno e Roland Barthes, pretende-se evidenciar a importância de existir expressões artísticas como esta, fundamentada em uma literatura realista, no registro, na reflexão e na reprodução da realidade.

Palavras-chave: Literatura e ditadura; Ditadura argentina; La malasangre.

Referências políticas recorrentes: desafiando linguagens autoritárias com Operation Sunken Sea, de Heba Y. Amin

Amanda Tavares

Doutora

Universidade Nova de Lisboa

asmtavares@fcsh.unl.pt

Resumo: Esta apresentação debruçará-se sobre Operation Sunken Sea (2018-presente), uma instalação multimídia em andamento da artista Heba Y. Amin. Um projeto altamente especulativo, Operation Sunken Sea materializa a extensa pesquisa histórica de Amin sobre visões tecno-utópicas e megalomanias do século XX, com foco especial nas linguagens políticas, arquitetônicas e culturais de regimes fascistas. Por meio da mobilização de retórica, gestos e imagens autoritárias, bem como de estratégias de exagero, paródia, plágio e subversão, Amin cria e re-apresenta propostas para drenar ou “mover” o Mar Mediterrâneo. O resultado é uma exposição em formato de arquivo, onde materiais documentais são entrelaçados com novas performances e objetos. Nesta apresentação, proponho uma leitura detalhada de algumas dessas referências discursivas para discutir noções de (im)plausibilidade e transformação sob o prisma do imperialismo. Inspirando-me no trabalho

de Ariella Aïsha Azoulay sobre arquivos, história potencial e desaprendizagem, argumento que a obra de Amin revela a onipresença histórica e poder de adaptação do imperialismo, ao mesmo tempo em que destaca a importância e urgência de dissociarmos suas estruturas, tecnologias e linguagens das nossas visões materiais e conceituais do mundo. Seguindo a abordagem multidirecional de Amin, começo por apresentar as várias versões do projeto e as referências transgeográficas que a artista utiliza, a fim de mostrar como a instalação desafia narrativas históricas lineares. Em seguida, exploro como Amin mobiliza os discursos de figuras políticas masculinas, bem como slogans políticos ‘atemporais’. A ideia é destacar como aparatos estéticos e discursivos têm sido usados pelas estruturas de poder, e discutir seu potencial de transformação. Por fim, analiso então a performance de Amin como ditadora ficcional na obra. Defendo que Amin reproduz materiais de arquivo para combater o impulso imperial de inovar, e assim destacar as falhas inerentes dos sistemas políticos imperiais.

O trágico e o autoritarismo: categorias trágicas baiano-brasileiras em *Eu acuso o céu*, de Dias Gomes

André Silva dos Santos

Doutorando em Artes Cênicas e em *Estudios Artísticos, Literarios y de la Cultura*

Universidade Federal da Bahia e Universidad Autónoma de Madrid

andre.silva.santos@ifbaiano.edu.br

Resumo: Esta comunicação propõe refletir sobre a peça *Eu acuso o céu* (1943), de Dias Gomes, à luz de um pensamento trágico que se estabelece a partir da violência, da política, da memória social e das estruturas de poder autoritário que habitam a sociedade brasileira. A obra, ambientada tanto no sertão quanto no litoral baiano, apresenta um percurso simbólico que conecta mundos opostos — a aridez do interior e a aparente fertilidade da costa —, revelando que o autoritarismo, a miséria e a injustiça são transversais a ambos os espaços. Identifica-se o coronelismo e o mandonismo como catalisadores trágicos, evidenciando peculiaridades próprias da moderna dramaturgia brasileira, especialmente no contexto baiano, em que o poder, a fé e a opressão se entrelaçam na construção de destinos marcados pela dor e pela resistência. O estudo dialoga com Vítor Nunes Leal (1949) e José Murilo de Carvalho (1997), que tratam das dinâmicas do poder local, e com as concepções do trágico moderno discutidas por Raymond Williams (1966). Além disso, problematiza o pensamento de Hegel (1835), especialmente sua reflexão sobre as categorias geográficas — planícies áridas, vales férteis e litorais — e suas relações com a formação dos povos e de seus destinos históricos. A partir dessa leitura, o trabalho propõe que *Eu acuso o céu* dramatiza um espaço trágico brasileiro, no qual o sertão e o litoral são símbolos de resistência e condenação, lugares onde o humano é continuamente testado pela natureza, pela fé e pela estrutura social. Conclui-se que a peça transforma o sofrimento coletivo em uma poética da resistência, em que a tragédia revela as origens e permanências das práticas autoritárias no Brasil, contribuindo para a formulação de categorias trágicas próprias da moderna dramaturgia brasileira e baiana.

Palavras-chave: Moderna dramaturgia brasileira; Trágico; Coronelismo.

As enunciações da separação e do reencontro em “Yōg Ātak: Meu Pai, Kaiowá”

Alana de Oliveira
Mestra
Secretaria da Educação do Espírito Santo
alanadeof@gmail.com

Resumo: No filme “Yōg Ātak: Meu Pai, Kaiowá” (2023), dirigido por Sueli Maxakali, Roberto Romero, Luisa Lanna, Sueli e Maiza Maxakali partem em busca de seu pai, elas não o veem há mais de 40 anos. Nos anos 1960, durante o período da ditadura militar, o pai de Sueli, Luís Kaiowá, é forçado a sair de seu território, no Mato Grosso do Sul, para trabalhar na terra do povo Tikmū’ün, no nordeste de Minas Gerais. Ao nos mostrar a viagem feita por Sueli, Maiza e sua família, com maridos, filhos e netos para encontrar Luís, o filme retrata os desafios encontrados pelos povos originários, que se inicia no período da colonização: desmatamento, mineração, garimpo, que resultam no genocídio dessas populações. Nesta comunicação, utilizo-me de um referencial interdisciplinar, com teorias decoloniais (Mignolo, 2011; 2017; 2018) e feministas (Cruz Hernández, 2020) aliadas a estudos fílmicos (Felipe, 2019) e sobre autoetnografia indígena (Araújo, 2015; Queiroz, 2008; Queiroz; Diniz, 2018), para analisar o longa metragem “Yōg Ātak: Meu Pai, Kaiowá”. A partir da compreensão dos elementos extracampo de sua narrativa (Brasil, 2012), podemos nos aproximar das consequências complexas das violências sofridas pelos povos originários durante a ditadura militar (1969-1985), que se mantêm presentes na atualidade, através da enunciação dos sujeitos que as sofreram e as sofrem.

Palavras-chave: cinema indígena; decolonialidade; mulheres indígenas.

“Eu quero votar para presidente”! — o ativismo artístico como ferramenta de combate à ditadura militar nos comícios diretas-já

Ariel Cherxes Batista
Doutorando
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Capes
ariel.batista@ufes.br

Resumo: Entre os anos finais da Ditadura Militar no Brasil e o início da Nova República, ocorreram manifestações populares que ficaram conhecidas como Diretas Já. O movimento em defesa das eleições diretas para presidente da República já circulava entre intelectuais e militantes desde o final da década de 1970; contudo, passou a mobilizar multidões em diversas cidades brasileiras a partir de 1983, impulsionado pela proposição da Emenda Dante de Oliveira. Com base na confrontação de bibliografias e na análise de fontes documentais, propomo-nos a desenvolver uma reflexão sobre os aspectos relacionados ao ativismo artístico e cultural como forma de resistência ao autoritarismo e de salvaguarda da democracia durante as manifestações pelas eleições diretas na década de 1980. Observa-se que a participação de personalidades do campo cultural nesse processo contribuiu de

maneira significativa para a ampliação e reverberação das discussões na opinião pública a respeito da importância do retorno do Brasil à normalidade democrática, por meio da realização de eleições diretas para a presidência da República. Em síntese, o movimento Diretas Já representa um marco histórico de mobilização e luta contra a Ditadura Militar no Brasil, ainda que o processo de transição política tenha ocorrido de forma gradual e limitada. Essa constatação apoia-se nas análises de Marcos Napolitano (2015) e Rodrigo Patto Sá Motta (2018), que identificam a existência de um pacto conciliatório entre militares e civis durante a sequência de acontecimentos que conduziram à redemocratização. Tal pacto, segundo os autores, foi sustentado pela persistência de uma cultura política autoritária, cujos efeitos permanecem perceptíveis no cenário político brasileiro contemporâneo.

Palavras-chave: Ditadura Militar; Diretas-Já; Ativismo cultural.

Escrever Contra as Paredes: Leituras Contra a Ordem das Coisas – O ‘Tag’, o Pixo e a Libertaçāo Comunal

Benedita Salema Roby

Doutoranda

Universidade Nova de Lisboa

beneditaroby@gmail.com

Resumo: Em 2015, o Comité Invisível alegou que o poder, que outrora residia nas instituições, residia agora nas infraestruturas. Enquanto defendiam essa posição, argumentando que a verdadeira estrutura do poder consistia afinal na *organização* material, tecnológica e física deste mundo – alegavam que faltava uma percepção *partilhada* dessa situação. Essa percepção, segundo o que escreviam, apenas podia surgir de uma *des-organização*, pelas palavras de Lyng (2004). Importa esclarecer que esta *des-organização* implica fundamentalmente um exercício de autocontrolo, isto é, ao invés de controlo pela Igreja, pelo Estado ou pela entidade laboral. Longe de perseguir liberdades individuais, a *des-organização* experimenta processos de liberação comunal assentes nessa mesma percepção de que o poder reside nas infraestruturas e na *ordem* mesma das coisas. Uma ordem cuja constituição política é a sua própria constituição material, aquilo que Negt e Kluge (2016) caracterizaram como Esfera Pública – a organização da experiência moderna das massas. Recorro, nesta comunicação, a duas práticas (artísticas) que apresentam essa mesma percepção: o *graffiti bombing* e a pixação. Ao *vandalizarem* (*des-organizarem*) muros e infraestruturas, identificam e atuam diretamente sob o seio do poder, numa lógica que lhes permite permanecer *desterritorializados* (Deleuze; Guattari, 2011). Essa lógica denuncia o potencial revolucionário destas atividades que, sem finalidade senão a própria prática, assumem o processo de desconstrução derridiano ao se tornarem num meio de crítica (e conflito) constante, enquanto experimentam a liberação da organização liberal-burguesa. Interessa-nos, na extensão desta comunicação, compreender de que forma estas assinaturas insurgentes podem *partilhar a percepção da situação*, com as massas. Através do *iterável*, conceito avançado por Derrida (1972), compreendemos que a intenção da elocução e o sentido da palavra escrita não são um requisito para a comunicação. Assim, abre-se um leque de possibilidades para a interpretação política na leitura destas práticas, que tendem a distanciar-se dessa posição.

Delírio Tropical: imagens de um país em transe — memória, ditadura e potências de reexistência

Bruno Marques

Doutor

Universidade Nova de Lisboa

bruno.marques@fcsh.unl.pt

Resumo: Reconhecida pela crítica como uma das mais significativas exposições do panorama artístico brasileiro contemporâneo, Delírio Tropical foi apresentada na Pinacoteca do Ceará entre dezembro de 2024 e julho de 2025, em parceria com o Fotofestival Solar, e distinguiu-se ao ser premiada como melhor exposição coletiva do ano pela revista seLecT e pela SP-Arte, além de figurar entre as finalistas do Prémio ABCA 2024. Esta notoriedade decorre da sua capacidade de pensar o Brasil através da imagem — como matéria de memória, conflito e imaginação —, articulando múltiplos tempos e geografias num retrato vertiginoso da nação. A comunicação propõe uma leitura da exposição Delírio Tropical como uma constelação de imagens que reinscrevem, no presente, as marcas da ditadura militar e das múltiplas violências — políticas, estruturais, simbólicas e ambientais — que moldaram e continuam a moldar o imaginário brasileiro. A curadoria de Orlando Maneschy e Keyla Sobral revisita um repertório de “imagens-fundamento” do país, ativando memórias visuais do autoritarismo e da resistência: o estudante empurrado por policiais durante uma manifestação em 1968, captado por Evandro Teixeira, torna-se emblema do corpo civil oprimido; as passeatas de mulheres contra o feminicídio, documentadas por Rosa Gauditano (1978-1984), ecoam na persistência das lutas contemporâneas; e o vídeo Marca Registrada (1975), de Letícia Parente, no qual a artista borda “Made in Brasil” na própria pele, reaparece como ferida ainda aberta, atualizada pelas políticas de negação da ciência e do corpo vividas durante a pandemia. Essas imagens dialogam com produções posteriores, como Atentado ao Poder (Via Crúcis) (Rosângela Rennó, 1992), Resistência (Sallisa Rosa) e Quintino (Éder Oliveira), delineando um arco histórico que liga o terror de Estado às formas contemporâneas de exclusão e extermínio. Contudo, no seio dessa cartografia de feridas, emerge uma vitalidade subterrânea: uma força de reexistência que atravessa o país fragmentado, inconcluso e plural que Delírio Tropical invoca. A exposição constrói uma narrativa não linear, de espelhamentos e descontinuidades, em que a memória da violência se entrelaça com gestos de beleza e reconstrução: a fénix de Glenda Betritz que renasce de uma aparelhagem de som popular; os confetes de Daniel Escobar, recortados de restos de outdoors; ou a frase em LED de Keyla Sobral, “SOS para nós que estamos sós”, que pulsa entre o grito e o lamento. Entre o “Fim das Ilusões” (fotografia de Joaquim Paiva) e o “Destino Eldorado” (imagem de Armando Quiroz), Delírio Tropical reinscreve o Brasil como território em transe — uma nação que ainda procura compreender-se através das suas feridas. A memória das ditaduras e das suas continuidades é aqui reativada não apenas como denúncia, mas como matéria de criação e de esperança, como possibilidade estética e política de reexistência. Como canta Chico Buarque em Bye, Bye Brasil: “A última ficha caiu / Eu penso em vocês night'n day / Explica que está tudo okay” — a arte continua a tentar explicar o que a história insiste em deixar em suspenso.

A contracultura e a revolução poético-musical da Música Popular Brasileira no período da ditadura militar.

Carlos Versiani dos Anjos

Doutor

Universidade Federal do Espírito Santo

carlos.versiani@gmail.com

Resumo: Este ensaio visa estudar esteticamente e politicamente o fenômeno da explosão poético-musical da MPB, dentro do contexto internacional do movimento da contracultura e da efervescência no Brasil de múltiplas vozes de resistência contra o conservadorismo, a censura e autoritarismo do regime militar. Toda a onda revolucionária da contracultura teve como centro irradiador a rebeldia da juventude dos EUA, que se impôs contra a cultura racista e patriarcal, contra a cultura da guerra, do conservadorismo moral e político da sociedade estadunidense, embalada também por músicas de protesto e pelo som alucinante do rock'n roll. No Brasil, que vivia um regime ditatorial extremamente opressor, a juventude terá este como alvo comum para canalizar a sua revolta. Nesse contexto, estudamos aqui, especificamente, a revolução das novas formas poéticas que se apresentam nas letras das músicas que os jovens compositores e grupos musicais entoavam, principalmente a partir dos grandes festivais de MPB da década de 1960, face aos padrões estéticos, estilísticos e retóricos até então existentes, analisando também seus impactos nas formas de expressão artístico-culturais da juventude brasileira mais ativa e consciente politicamente no período. Trata-se de um trabalho autoral de crítica literária e sociológica, que se serve também, como aparato para contextualização histórica, política e cultural, tanto do movimento da contracultura como das várias faces da oposição e resistência à ditadura militar no Brasil, de bibliografia especializada: desde os trabalhos já clássicos de Heloísa Buarque de Holanda, até mais recentes, como de Leon Kaminski (2020) e Fred Coelho (2025), entre outros.

Palavras-Chave: Contracultura; Música Popular Brasileira; Poesia

Loucura, memória e testemunho em *Depois de tudo tem uma vírgula*

Daniella Bertocchi Moreira

Doutora

Universidade Federal do Espírito Santo

daniella.bertocchi@gmail.com

Resumo: Embora tenhamos a impressão de que a democracia esteja consolidada no país, os recentes acontecimentos demonstram que a ditadura militar ainda é um tema que precisa ser devidamente elaborado e discutido. O protagonismo político de um grupo abertamente defensor da ditadura e da tortura evidencia a urgência de retomar esse debate. Nos

últimos anos, diversas obras abordando o período ditatorial foram publicadas, o que sugere uma demanda social pela elaboração dos traumas por ele causados. Diante disso, esta comunicação propõe-se a analisar o romance *Depois de tudo tem uma vírgula* (2021), de Elizabeth Cardoso, tomando como chave de leitura seu teor testemunhal, bem como as representações do trauma e da loucura na narrativa. Para tanto, a análise dialoga com teóricos do testemunho, como Felman (2000), Gagnbin (2009), Ginzburg (2012), Salgueiro (2013), Sarmento-Pantoja (2019; 2021) e Seligmann-Silva (2003; 2022); com autores que investigam as consequências do trauma na literatura, como Kehl (2010) e Padilha (2024); e, por fim, no que concerne à violência de gênero, Teles (2017). Buscou-se, assim, compreender de que modo esses elementos se articulam na obra de Cardoso.

Palavras- chave: Ditadura militar. Loucura. Memória. Testemunho.

REVULSIONAR CARTOGRAFIAS: práticas conceitualistas e potência política em contextos ditatoriais no Brasil e na Argentina

Deborah Moreira de Oliveira

Doutoranda em Teorias e Processos Artísticos-Culturais

Universidade Federal do Espírito Santo

deborah.mo93@gmail.com

Essa comunicação investiga as articulações dos conceitualismos latino-americanos com uma representação de cunho político, crítico e sensível de formas cartográficas que repensam a representação política do sul global em contextos ditoriais. Para tal, nos apropriamos do conceito de Fernando Davis (2007) da cartografia da opacidade, quando pensa o trabalho do artista Horácio Zabala, assumindo que a imagem opaca desvela fugas e turbulências de forma a desestabilizar a racionalidade e suposta neutralidade da sintaxe cartográfica. Assim, propomos discutir como os mapas são construídos historicamente de forma a perpetuar uma visão ocidentalizada e moderna do mundo, e funcionam igualmente como manutenção de poder e ideologia. Um dos motes das práticas conceitualistas foi a subversão da cartografia clássica, para repensar a construção das narrativas dominantes históricas. As práticas conceitualistas na América Latina são concebidas como uma proposta ativa de compreender a arte como modos de pensar, segundo Mari Carmen Ramirez (2007). Totalmente vinculadas ao social, essas práticas irrompem de contextos culturais marcados por urgências políticas como a colonização, pelo imperialismo, pela modernidade imposta, e pelo terror ditatorial. Para a análise das simbologias dos mapas, iremos recorrer teóricos que fundamentam os conceitualismos como Mari Carmen Ramirez (2001 e 2007), Luis Camnitzer (2008), e para tratarmos a temática de cartografía na América Latina, iremos utilizar Suely Rolnik (2009), Fernando Davis (2007), e o Walter Mignolo (2005). Os trabalhos artísticos estudados são: *Soy loco por ti* (1969) do artista brasileiro Antonio Manuel, as obras cartográficas do artista argentino Horácio Zabala como *Tensiones* (1974), *Aparaciones/ desapariciones* (1972), *Revisar/censurar* (1974), etc. e Lápides Geográficas (1969) da artista brasileira Thereza Simões. Buscamos, como resultado, aprofundar o sentido político da arte e evidenciar a não

neutralidade da imagem cartográfica, entendendo a cartografia como ferramenta processual de discussão das relações de poder e colonialidade.

A formação estética nos Centros de Referência Das Juventudes (CRJs) do Espírito Santo (ES)

Emily da Silva Dias

Mestranda em Educação

Universidade Federal do Espírito Santo

emily.dias@edu.ufes.br

Priscila Monteiro Chaves

Doutora

Universidade Federal do Espírito Santo

priscila.chaves.ufes@gmail.com

Resumo: Este trabalho compõe uma pesquisa de mestrado em andamento que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE/Ufes), na linha de Educação e Linguagens. A temática envolve o campo das políticas públicas sociais, educacionais e de segurança pública. Neste recorte, tratamos de uma política pública destinada à juventude trabalhadora das periferias capixabas. Em específico, abordamos a atuação e as determinações dos Centros de Referência das Juventudes (CRJs) no Espírito Santo. A política foi expandida em 2022, quando o governador do ES, Renato Casagrande (Partido Socialista Brasileiro – PSB), finalizou a entrega de 14 CRJs nas dez cidades que integram o programa Estado Presente em Defesa da Vida, a saber: Aracruz, Cachoeiro de Itapemirim, Cariacica, Colatina, Guarapari, Linhares, São Mateus, Serra, Vila Velha e Vitória. Nesse sentido, o objetivo geral deste estudo é compreender a função educativa dos CRJs no ES pelas vias do que oferecem quanto formação estética para a juventude. Reconhecemos que o contato dos jovens público-alvo dos CRJs com atividades voltadas ao seu desenvolvimento estético está articulado com a participação em oficinas e cursos que abordam áreas da poesia, teatro, fotografia, cinema, dança etc. À luz das contribuições teóricas do materialismo histórico, em especial das elaborações de Marx (1844), Gramsci (2001) e Moura (1977), consideramos que a política em debate tem incidido sobre a subjetividade e as condições de reprodução vida da juventude trabalhadora. Isso, por sua vez, permite-nos entender o modo como a relação de exploração capital-trabalho, principal determinação da educação, tem conformado perspectivas e instituições que se apresentam como progressistas e modificam formas de organização social da classe trabalhadora.

Palavras-chave: Centro de Referência das Juventudes (CRJ); Educação; Formação estética.

Livros ilustrados e o reencantamento em tempos de violência

Fabiana Pedroni

Doutora

Secretaria da Educação do Espírito Santo

nuvemtrincada@gmail.com

Resumo: Este trabalho apresenta reflexões derivadas de uma pesquisa de doutorado dedicada ao encantamento como experiência estética e sensível mediada por livros ilustrados. Argumento que tais objetos, ao ativarem a memória, o corpo, o sensível e a construção poética, instauram modos de habitar o mundo capazes de produzir vínculos, afetos e imaginários, justamente quando a violência busca esvaziá-los. Discute, ainda, o episódio de violência sofrido durante a defesa da tese, quando a sala virtual foi invadida por sujeitos anônimos que praticaram agressões verbais, gritos e ruídos obscenos. O ocorrido evidenciou como rastros contemporâneos de violência simbólica, virtual e política tensionam a produção acadêmica e artística, sobretudo a que se dedica a campos ligados à imaginação, à infância e ao sensível. Tal situação insere-se em um amplo cenário de violências políticas. Entre os anos de 2019 e 2023, período de escrita da tese, o Brasil enfrentou o entrelaçamento de uma crise sanitária global, marcada pela pandemia de Covid-19, e de um panorama social regido pelo avanço do autoritarismo, da necropolítica (Mbembe, 2018) e da desinformação. Nesse período, práticas culturais, educacionais e científicas foram ameaçadas por discursos de ódio e pelo incentivo estatal ao desencantamento do mundo (Pierucci, 2003; Carvalho, 2010). Frente a esse contexto, defendo o encantamento como prática insurgente: sustentar a leitura, a arte e o sensível torna-se resistência contra a brutalidade e a lógica de gestão da morte. Assim, argumento que os livros ilustrados (Nikolajeva; Scott, 2011) e livros infantis (Hunt, 2010; hooks, 2020) constituem mediações potentes para reencantar o mundo (Simas, Rufino, 2020; Diniz, Gebara, 2022; Pedroni, 2022), com a reivindicação de uma ética de cuidado e de presença em tempos de violência.

Palavras-chave: encantamento; livros ilustrados; violência simbólica.

Memória, urgência e radicalismo: o messianismo histórico no poema revolucionário de León Felipe

Felipe Vieira Paradizzo

Mestre

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento Capes

felipeparadizzo@gmail.com

Resumo: Com o distanciamento histórico dos períodos ditoriais na Península Ibérica e na América Latina no século XX, somado às décadas de neoliberalismo e aos consideráveis avanços econômicos e sociais, a ascensão do fascismo na última década surge como um alerta para a possível derrota dos esforços de preservação da memória. Ocorre que, como

aponta o historiador Enzo Traverso a partir da leitura de Walter Benjamin, a memória e o testemunho estiveram sob o risco da sacralização por uma parte dos estudos críticos, em detrimento da radicalidade e da urgência da proposta messiânica, histórica e revolucionária de Walter Benjamin e daqueles que lutaram por interromper o curso trágico da história. Como propôs Mark Fisher, muito depois do suicídio de Benjamin em Portbou, a vitória do capitalismo pavimentou de tal maneira uma estrada sobre as ruínas dos vencidos e dos futuros possíveis que a revolução e o fim do capitalismo deixaram de pertencer ao horizonte de possibilidades do presente, enquanto o contato entre as gerações atuais e os caídos do passado se enfraquece em uma memória comportada e dócil. Neste estudo, articularemos, a partir do poema “La Insignia”, de León Felipe, escrito durante o ocaso da Revolução Espanhola, em 1937, uma reflexão sobre a radicalidade do pensamento messiânico histórico de Walter Benjamin e sobre o risco da sacralização apolítica da memória para a relevância emancipatória da abordagem crítica do passado.

Palavras-chave: León Felipe; Walter Benjamin; Messianismo.

Ativismo, sexism e resistência poética: o trauma em três poetas presas pela ditadura militar brasileira

Giselle Lopes Souza
Doutoranda em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Capes
gisellesouza86@yahoo.com

Resumo: Inspirados no processo de luta feminina e em meio a escolha da poesia para tatear e simbolizar o trauma político e suas reminiscências, objetivamos trazer uma amostragem de análise de poemas de três poetas, ativistas, professoras, também ex-presas políticas da Ditadura Militar do Brasil. São elas: Jacinta Passos, Lara de Lemos e Maria Celeste Vidal. Ao apresentarmos as marcas psíquicas do trauma, especialmente o trauma político, acreditamos poder traçar um caminho para a compreensão da luta e resistência dessas mulheres. A resistência que, ao mesmo tempo em que se direcionava contra o Estado, cujo autoritarismo atuava conspurcando corpos, também manifestava-se contra a violência de gênero e ao uso dos corpos femininos, nos moldes denunciados, principalmente, por Maria Amélia Telles (2015) e Figueiredo (2024). Ademais, para entendermos o conceito psicanalítico de trauma e as questões em torno desse conceito, muito utilizado pela literatura de testemunho, contaremos com os textos de Freud (1926, 1930) e Lacan (1962), com adendos de Winnicott (1986). Como, também, faz-se necessário o auxílio de textos críticos, como um norte metodológico, sob o viés psicanalítico, a exemplo de Seligmann-Silva (2008) e Martinelli Filho (2024). Aditanto, para tanto, dados da vida e militância das poetas, a questão principal desta proposta é tentar desvelar os impasses diante do trauma político que pode espelhar os impasses do próprio real do trauma. Legado este do sexism e do aparato opressor da tirania estadista, contra os quais essas mulheres ousaram ir de encontro reclamando autonomia para seus próprios corpos pelo ativismo e pela poesia.

Palavras-chave: Sexismo, trauma, resistência poética.

O caso dos edifícios nativistas no Rio de Janeiro: arquitetura, artes decorativas e ditadura

Gustavo Borges Corrêa

Doutorando

Universidade Nova de Lisboa

gtbcorrea@gmail.com

Resumo: Getúlio Vargas (1882-1954) governou o Brasil duas vezes: de 1930 a 1945 e entre 1951 e 1954. Durante os seus primeiros quinze anos no poder – período que inclui o Estado Novo (1937-1945), regime que fortaleceu a lógica nacionalista e o aparato repressor de sua gestão –, foi incentivada, por meio das artes em suas variadas formas, a criação de uma mitologia que mostrasse aos brasileiros o surgimento de seu país. Havia um objetivo claro nesse processo cultural: dotar a nação de uma gênese própria para afastá-la de um passado colonial, marcado pela imposição da cultura europeia (notadamente portuguesa) no território nacional. O governo brasileiro desejava, desse modo, construir uma identidade nacional fortalecida que ajudasse a nação a dialogar em condições mais igualitárias com a comunidade internacional.

Nesse cenário, optou-se por identificar os povos originários do extremo norte do país, sobretudo os da Ilha de Marajó, como os responsáveis pela origem cultural da nação. Os seus artefatos ritualísticos e objetos de uso cotidiano eram considerados superiores esteticamente quando comparados com a produção de outras populações nativas. Localizou-se na referida ilha o surgimento da nação brasileira, inventando-se assim uma origem nacional. Concomitantemente à valorização da arte Marajoara, o estilo Art Déco era popularizado internacionalmente após a grande exposição parisiense de 1925, intitulada *Exposition Internationale des Artes Décoratifs et Industriels Modernes*. Criou-se no Brasil a partir dos anos 1930 – e em especial no Rio de Janeiro – um subestilo que propunha a comunicação estética entre a arte dos povos Marajoara e a gramática visual Art Déco (econômica e geometrizada); a esse estilo deu-se o nome de “Art Déco Nativista” ou “Art Déco Neomarajoara”. Na antiga capital brasileira, ele popularizou-se rapidamente e caiu no gosto de muitos artistas plásticos e arquitetos, o que nos faz pensar sobre uma questão de apropriação da cultura dos povos nativos por profissionais de áreas variadas. A arquitetura residencial da zona sul carioca nas décadas de 1930 e 1940 – época marcada pela ditadura varguista – foi muito inspirada no estilo de origem francesa e também nos grafismos indígenas, e é justamente essa fusão estética que conduzirá a nossa comunicação.

Estética, política e resistência nas *cybercharges* de Marcio Vaccari (2019-2022)

Hellen Carla dos Santos Cesário

Doutoranda em Letras

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento Capes

hellen-css@hotmail.com

João Claudio Arendt

Doutor
Universidade Federal do Rio Grande
joaoarendt@gmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe analisar as *cybercharges* de Marcio Vaccari (2019-2022) como manifestações estéticas de resistência que articulam arte e política no Brasil contemporâneo. Produzidas em meio à radicalização discursiva e à necropolítica instaurada durante o governo Bolsonaro, as criações de Vaccari transformam o riso em gesto crítico, denunciando violências simbólicas e institucionais por meio da sátira e da paródia. Com base nos estudos de Bakhtin (1987), Sodré e Paiva (2002) e Linda Hutcheon (1989), investiga-se como o grotesco e a paródia literária são mobilizados nas *cybercharges* como estratégias de desconstrução e enfrentamento dos discursos de poder. Nesse sentido, o humor deixa de ser mero recurso expressivo e converte-se em forma estética de insurgência, capaz de expor os mecanismos de exclusão e o colapso ético de uma sociedade marcada por autoritarismos e retrocessos. O trabalho comprehende a *cybercharge* como um gênero híbrido e multimodal que amplia os limites da literatura ao incorporar elementos do cinema, da música e da cultura digital, instaurando um espaço de experimentação estética em que o riso se alia à crítica política. Ao articular humor, memória e resistência, as criações de Vaccari evidenciam a potência política do estético e reafirmam a arte como território de enfrentamento simbólico de resistência e reexistência diante da violência contemporânea.

Palavras-chave: Marcio Vaccari; *Cybercharge*; Sátira política

Pedagogia midiática autoritária em *Elite* (Netflix): reflexos sobre a juventude no Brasil contemporâneo

Jean Carlos Pereira
Doutorando em Educação
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Fapes
jean.c.pereira@edu.ufes.br

Maria Amélia Dalvi
Doutora
Universidade Federal do Espírito Santo
maria.dalvi@ufes.br

Resumo: O presente trabalho investiga a série *Elite* (Netflix, 2018-2024) sob a perspectiva da Teoria Crítica da Sociedade, articulando as reflexões de Adorno, Horkheimer, Marcuse, Benjamin e Türcke para analisar como a estetização da violência, a glamourização do

hedonismo e a glorificação do sucesso individual configuram a juventude como objeto e veículo de uma pedagogia midiática autoritária. Fundamentada na teoria crítica da sociedade e no materialismo histórico e dialético, a pesquisa comprehende *Elite* como produto da lógica cultural do capitalismo tardio, em que a violência simbólica se converte em espetáculo e a moral neoliberal assume a aparência de liberdade. Ao retratar um colégio de elite espanhol como microcosmo social, a narrativa mobiliza traços do fascismo europeu – herança do franquismo – e projeta sobre o público latino-americano, especialmente a juventude brasileira, a sedução pela ordem, pelo mérito e pelo consumo como signos de reconhecimento e pertencimento. Essa operação estética converte a desigualdade em espetáculo, mascarando as contradições de classe e naturalizando a exclusão. A análise evidencia que, sob o verniz de diversidade e transgressão, *Elite* reproduz os valores de uma “sociedade administrada”, reforçando o que Adorno denomina “personalidade autoritária” e promovendo o ajustamento subjetivo aos ideais de competição e sucesso. No contexto brasileiro, a recepção dessa narrativa encontra terreno fértil em um cenário de reemergência do conservadorismo moral – ecos de um passado ditatorial – e do ascendente neoliberalismo representativo das individualidades, no qual a cultura de massa atua como instrumento de pacificação simbólica e erosão da consciência crítica, configurando um processo de semi-formação cultural da juventude por meio da pedagogia midiática.

Palavras-chave: juventude brasileira; autoritarismo; indústria cultural.

Ecos da violência e denúncia social na prosa de Rubem Fonseca

Jéssica de Mello Barreto
Mestranda em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Fapes
barreto.jessicam@gmail.com

Os contos “*Feliz Ano Novo*” (1975) e “*Os pobres e os ricos*” (2021) embora separados por quase meio século, são ligados pelo mesmo fio condutor que caracteriza a obra de Rubem Fonseca: a denúncia e crítica social. De forma dura e crua, beirando a brutalidade da realidade, o autor expõe um dos problemas mais persistentes da sociedade brasileira: a violência, usando para isso o campo da literatura. Dessa maneira, este trabalho busca demonstrar como a estética da brutalidade, marca de sua prosa, é utilizada para evidenciar desigualdades e violências sociais, dialogando tanto com o contexto da Ditadura Militar quanto com seus ecos na contemporaneidade. Para tal análise, torna-se imperativo os estudos de Bosi (2015) e Cândido (2006) acerca da função da literatura como representação da realidade e forma de crítica social. Pretende-se refletir como a temática da violência em um espaço temporal de quase cinco décadas, reverbera de maneira trágica e contundente a perpetuação da opressão no Brasil e como Rubem Fonseca transforma o espaço da literatura em um território de denúncia, memória e resistência

Palavras-chave: Contos; violência; estética.

Entre a poesia e a prosa: infâncias literárias e ditadura no Cone Sul

Johny Paiva Freitas
Doutorando em Letras
Universidade Federal do Ceará
johnyfreitas@alu.ufc.br

Esta proposta de comunicação oral se estrutura a partir de dois objetivos complementares. O primeiro deles visa apresentar de forma panorâmica duas obras que tematizam a infância sob o jugo da ditadura: *Crianças* (2020), livro de poemas da escritora chilena María José Ferrada e da ilustradora venezuelana María Elena Valdez; e *Era uma vez um quintal* (2023), narrativa autobiográfica escrita por Andreia Prestes, nascida em Moscou no exílio de seus pais durante a ditadura civil-militar no Brasil, e ilustrada pela brasileira Paula Delecave. O segundo busca analisar os modos pelos quais as infâncias são apresentadas e representadas em cada um desses livros, levando-se em consideração as relações e as tensões entre forma literária, violência ditatorial e voz infantil. Nesse sentido, para realizar tal empreendimento analítico, alguns diálogos teóricos foram construídos, a exemplo do conceito de infâncias “como acontecimentos discursivos arriscados” desenvolvido por Rosana Kohl Bines em seu livro *Infância, palavra de risco* (2025), a noção de “voz de criança” na literatura infantil elaborada por Maria José Palo e Maria Rosa Duarte de Oliveira (2025); as discussões propostas por Maria Nikolajeva (2023) acerca do empoderamento da personagem infantil nos textos literários; e, por último, os estudos presentes na coletânea *Letras de resistência: literatura infantil e juvenil* (2021), organizada pelas professoras Alice Áurea Penteado Martha e Vera Teixeira de Aguiar. Assim, esperamos contribuir para uma compreensão mais complexa e multifacetada das infâncias na literatura, especialmente no que se refere à produção literária que assume para si a responsabilidade ética e estética de representar o passado ditatorial, não só nas suas dimensões de violência, de injustiça e de repressão, mas também de resistência, de luta e, principalmente, de sonhos (não) sufocados.

Palavras-chave: Literatura. Infância. Ditadura.

Imagens da violência brasileira em Luiz Roberto Salinas Fortes: uma leitura à luz de Marilena Chaui

Lucas de Oliveira Rodrigues
Graduando em Artes Visuais
Universidade Federal do Espírito Santo
lucascontato225@gmail.com

Gaspar Leal Paz
Doutor
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento CNPq
gaspar.paz@ufes.br

Resumo: O texto propõe uma análise da obra Retrato Calado, de Luiz Roberto Salinas Fortes, sob a perspectiva filosófica e estética de Marilena Chaui. Parte da relação entre literatura e arte como campo comum de revelação do real e do sensível, em diálogo com as concepções fenomenológicas de Merleau-Ponty e com a noção de Marilena Chaui da arte como gesto de liberdade e pensamento vivo. A escrita de Salinas é compreendida como uma forma híbrida, literária, cinematográfica e testemunhal, que transforma a experiência traumática da ditadura militar em imagem narrada. Sua narrativa autobiográfica, marcada pela despersonalização e pela precisão descritiva, converte a dor em linguagem sem recorrer à vitimização ou ao tom vingativo, instaurando um espaço de visualidade e crítica social. A partir da leitura da própria apresentação de Chaui em Retrato Calado, o estudo evidencia a convergência entre ambos os autores na compreensão da arte como resistência e mediação entre o imaginário e o real. Chaui vê na obra de Salinas a recuperação da dignidade do pensamento diante da violência que captura a linguagem. O texto ainda discute a noção de violência na cultura brasileira, conforme desenvolvida por Chaui, como ação que reduz o outro à condição de coisa, perspectiva que se reflete nas experiências de tortura relatadas por Salinas. Assim, o ensaio demonstra como a literatura de testemunho se articula à filosofia política e estética, revelando a persistência da violência institucional e simbólica no imaginário nacional e a potência libertadora da arte como denúncia e reflexão.

Palavras-chave: Marilena chaui; retrato calado; salinas; estética; literatura.

Memória, feminismo e resistência: 50 anos do Jornal Brasil Mulher

Mariana Alves Leal
Mestranda em artes
Universidade Estadual do Paraná
mah.a.leal@gmail.com

Solange Straube Stecz
Doutora
Universidade Estadual do Paraná
solange.stecz@unespar.edu.br

Resumo: O artigo propõe um resgate do periódico Brasil Mulher, que, em outubro de 2025, completou 50 anos de criação e se destaca como um dos pioneiros do jornalismo feminista e da resistência durante a ditadura militar, com produção concentrada no eixo Paraná–São Paulo entre 1975 e 1979. O objetivo é compreender a relevância das pautas apresentadas e como elas ainda ressoam no cenário contemporâneo. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica e documental que examina as edições do periódico disponíveis digitalmente nos acervos da Fundação Perseu Abramo e do Instituto Vladimir Herzog. A metodologia adotada é histórico-dialética e dialoga com obras de autoras como Dulcília Buitoni (1986), Joan Scott (1995), Lélia Gonzalez (2020) e Ana Maria Colling (1997), contextualizando imprensa, feminismo e memória. O estudo evidencia questões de gênero, ativismo, afirmação identitária e estratégias de resistência que contribuem para ampliar os diálogos sobre a participação das mulheres na história, bem como sobre o papel político e social do Brasil

Mulher e da imprensa brasileira na década de 1970.

Palavras-chave: Brasil Mulher; imprensa feminista; Feminismo brasileiro.

Testemunho e trauma em *Murro em ponta de faca*

Maria Clara Gonçalves

Pós-doutoranda em Letras

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento Fapes

maria.claire.gon@gmail.com

Resumo: A presente comunicação apresenta uma leitura da peça *Murro em ponta de faca* (escrita em 1974, mas encenada somente em 1978), de Augusto Boal sob o conceito de testemunho. Concebida a partir de uma experiência real do dramaturgo, que se encontrava exilado em Portugal por conta da Ditadura Militar, a peça retrata as agruras e tensões de um grupo de seis personagens que, exilados, percorrem diversos países. A literatura de testemunho configura-se, em linhas gerais, como a recriação de experiências memorialística de sujeitos que estiveram presentes, de alguma forma, em eventos históricos violentos. Assim como Boal que apresenta nessa obra dramática a condição de sujeitos, como ele, apartados de sua terra natal, convivendo com as lembranças de um Estado genocida e opressor. A estrutura cênica da peça é minimalista, as personagens permanecem o todo tempo em cena, em cima de um tapete cercados por malas. Os deslocamentos por diferentes espaços são realizados por meio de falas e movimentações dos atores que não expandam os limites do tapete. Percebe-se, assim, que a linguagem cênica é estruturada não com o intuito de representar os fatos de maneira mais próxima a realidade e sim de forma a dar conta do relato traumático ali exposto. O pesquisador Márcio Selligmann-Silva pontua que "Não podemos pensar em literatura de testemunho sem ter em mente essa concepção anti-essencialista do texto. Nesse gênero, a obra é vista tradicionalmente como a representação de uma "cena". Mas qual é a modalidade dessa representação? Certamente não podemos mais aceitar o seu modelo positivista. O testemunho escrito ou falado, sobretudo quando se trata do testemunho de uma cena violenta, de um acidente ou de uma guerra, nunca deve ser compreendido como uma descrição "realista" do ocorrido" (1998, p. 10). Posto isso, compreender tal espetáculo sob o viés do testemunho nos permite abranger as leituras de *Muro em ponta de faca*, analisando-a a partir de seu momento de criação, mas também para além dele.

Palavras-chaves: teatro brasileiro; Augusto Boal; literatura de testemunho.

Teatro infantil e Ditadura: Análise da peça História De Lenços E Ventos, De Ilo Klugli

Maria Amélia Dalvi

Doutora

Universidade Federal do Espírito Santo

maria.dalvi@ufes.br

Victor Gagno Grillo

Doutorando em Letras

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento Capes

victorggrillo@gmail.com

Resumo: Em 1974, durante a ditadura militar, Ilo Krugli subiu ao palco com Histórias de Lenços e Ventos, peça que marcou a trajetória do teatro infantil no Brasil. Utilizando bonecos, lenços, instrumentos musicais e objetos, o grupo Ventoforte, surgido como um teatro de resistência, conta a história de Azulzinha (um lenço) e seu amigo Papel (um pedaço de jornal) que enfrentam o poder do rei Metal Mau. Para Krugli e Abreu (2009), o tema da personagem central desse espetáculo, a Azulzinha, é a liberdade. Ela sai voando e fica prisioneira no castelo do rei Metal Mau. Também os guardas do rei mandam prender os lenços de todos os quintais, que ficam presos na caixa estratosférica, lá no alto. Outra personagem, uma folha de jornal que chamamos de Papel, tenta resgatar Azulzinha; depois de ser perseguido por soldados, Papel, que põe em evidência o tema da repressão política, está amassado, apanhou, chega num quintal onde alguns amigos o recebem. Nessa perspectiva, Pupo (2013) destaca que o espetáculo dribla a censura ao se estruturar como um conto mágico endereçado a crianças e apresenta a inquietação de um artista que se ocupa em encontrar um tratamento poético para levar ao palco as relações de poder vividas na época. Nesse sentido, Vieira (2008) afirma que Ilo Kugli se manifesta contra o autoritarismo vigente, utilizando o teatro infantil para transcender os limites da história e alcançar os acompanhantes das crianças que puderam ver outros aspectos para a mesma narrativa. Este trabalho, inspirado pela longa tradição da concepção materialista histórica de arte e pela lógica e método dialéticos, analisa a peça e sua recepção crítica, contextualizadamente, dimensionando sua atualidade.

Palavras-chave: teatro infantil; censura; resistência.

Assistir, aprender e não esquecer: os atravessamentos de meio-dia (1970), de Helena Solberg

Mariana Alves Leal

Mestranda em artes

Universidade Estadual do Paraná

mah.a.leal@gmail.com

Solange Straube Stecz

Doutora

Universidade Estadual do Paraná

solange.stecz@unespar.edu.br

Resumo: O artigo analisa o curta-metragem *Meio-dia* (1970), de Helena Solberg, articulando-o com o cenário atual da educação no Paraná, especialmente após a adesão ao Programa Colégio Cívico-Militares. A obra, uma alegoria sobre repressão, resistência e liberdade pelo olhar infantojuvenil durante a ditadura militar brasileira, permite refletir criticamente sobre o papel da escola e dos educadores em contextos autoritários. Primeira produção ficcional de Helena Solberg, figura importante do cinema feminista no Brasil, o filme utiliza a infância e o espaço escolar como metáforas de opressão, organização e de revolução. A pesquisa bibliográfica apoia-se em obras de bell hooks (2013), Jim Sharpe (1991), Mariana Tavares (2014) e Manuela Penafria (2009), com o objetivo de compreender as relações entre transgressão, insubordinação, contextualização e participação histórica, questionamos a reprodução de iniciativas que evidenciam resquícios do passado, mostrando que a liberdade exige não apenas coragem, mas também reaprendizagem e memória. Compreendemos, por fim, que o filme convoca o espectador a uma leitura crítica, evidenciando a urgência de resistir, de não esquecer a história e de reinventar os sentidos de autonomia, cultura e sociedade.

Palavras-chave: Cinema feminista; Helena Solberg; *Meio-dia*.

Calabar: A identidade poética do teatro de Chico Buarque

Maria Eduarda Caser Rocha

Graduanda

Financiamento CNPq

dudacaser@gmail.com

Gaspar Leal Paz

Doutor

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento CNPq

gaspar.paz@ufes.br

Resumo: Este projeto propõe uma interpretação estética-política sobre o papel da música na peça de teatro *Calabar – O elogio da traição*, de Chico Buarque e Ruy Guerra. Escrita em 1972-1973 (época ditatorial no Brasil), a peça resgata conteúdo histórico, articulando-o para pensar suas reverberações contextuais nos anos 1960 e 1970. Os autores enfatizam de forma expressiva (dramática e satírica) a transitividade da linguagem em seus diversos campos de atuação (evidenciando conexões poético-musicais-teatrais), fato que possibilita a recriação do contexto histórico com mordacidade, pungência, criticidade e com uma estética vibrante. Através de recursos dramatúrgicos e com um repertório musical marcante (algumas das

músicas foram inclusive censuradas pela ditadura), a obra é conduzida com diversas indagações a respeito do caráter de Calabar, personagem principal, que durante o século XVII, na invasão holandesa, abandona o exército português e alia-se aos seus inimigos de pátria, criando assim um enorme conflito na percepção do que é considerado traição, não apenas entre os personagens da peça, como também nos espectadores que a assistem. Assim, o intuito dessa pesquisa é entender como a inserção da música amplia a performatividade da peça teatral, criando uma ambiência que propicia ao leitor um acesso sensível aos acontecimentos, além de desenvolver uma experiência mais imersiva, explicitando e contestando o cenário histórico da época, decorrentes da violência colonial, e suas reverberações no presente. A apresentação do estilo de Chico Buarque e o panorama artístico da época em que a peça foi escrita e encenada, será retraçado respaldando-se em escritos de Eric Nepomuceno, Julio Medaglia, Wagner Homem. No que concerne à problematização da performatividade teatral, recorreremos aos estudos de Gerd Bornheim sobre teatro, literatura e música. Para a análise do repertório poético-musical, nos basearemos em argumentações da filosofia da arte, da musicologia e da crítica literária que tensionam a relação estética e política, tal como aparece em autores como Samuel Araújo, José Miguel Wisnik, Gaspar Paz e Wilberth Salgueiro.

Palavras chave: Chico Buarque, Calabar, estética, filosofia, arte.

Fayga Ostrower: arte e resistência em tempos de guerra e autoritarismo

Marina Pedreira Aragão
Mestre
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Capes
marinamormar@hotmail.com

Resumo: Este trabalho analisa a trajetória artística e teórica da artista plástica Fayga Ostrower (1920–2001), com foco em sua produção no Brasil durante períodos de autoritarismo, como o Estado Novo de Getúlio Vargas e a ditadura militar (1964–1985). Nascida em Lodz, na Polônia, Fayga imigrou para o Brasil em 1934, fugindo da perseguição nazista e da guerra, experiência que marcou profundamente sua visão humanista e sua concepção da arte como instrumento de liberdade, reflexão e resistência.

A pesquisa baseia-se na análise direta das 75 obras de Fayga Ostrower preservadas no Museu de Arte Murilo Mendes (MAMM), em Juiz de Fora (MG), incluindo xilogravuras, gravuras em madeira, serigrafias, pinturas figurativas e ilustrações de livros, entre elas obras para poetas como João Cabral de Melo Neto e Manuel Bandeira. Três obras integraram originalmente a coleção pessoal do poeta Murilo Mendes, amigo da artista, que também ficou exilado na Europa durante a ditadura militar.

Além da produção artística, Fayga Ostrower se destacou como professora e pensadora da arte, escrevendo seis livros, entre eles “Universo da arte” (1983), nos quais desenvolve reflexões sobre o processo criativo e a estética. Ministrou aulas para trabalhadores de fábricas, defendendo a criatividade como direito humano e instrumento de emancipação social. O estudo busca compreender como sua obra e sua teoria transformam a arte em meio

de resistência simbólica, diálogo cultural e afirmação da liberdade humana.

Palavras-chave: Fayga Ostrower; arte e resistência; Museu de Arte Murilo Mendes.

Do riso à dor: testemunho na obra de Sérgio Sampaio*

Noemi Lima Masters
Graduanda em Letras-Português
Universidade Federal do Espírito Santo
noemi.masters@gmail.com

Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
Doutor
Universidade Federal do Espírito Santo
wilberthcfs@gmail.com

*Pesquisa realizada via Programa Institucional de Iniciação Científica com financiamento CNPq entre 2024 e 2025.

Resumo: A pesquisa empenhou-se em verificar o teor testemunhal da obra de Sérgio Sampaio, valendo-se da perspectiva adorniana para compreender aspectos do fazer musical do compositor e analisando seu cancionero a partir da relação intrínseca entre sujeito e sociedade. Compreende-se aqui o testemunho em dimensão ética e estética como possibilidade de pensar na arte o retrato da barbárie e catástrofes cotidianas. Buscou-se, portanto, levantar a fortuna crítica acerca da vida e obra de Sérgio Sampaio; mapear no cancionero do compositor a dialética da subjetividade poética e do contexto histórico; propor a análise de uma canção por álbum lançado, a partir das discussões suscitadas; por fim, apontar de que forma e sob quais recursos linguísticos o testemunho faz-se presente nessas canções, no anseio de apontar, em forma e conteúdo, de que modo fatos externos e históricos do período em que compôs Sampaio adentraram a subjetividade poética desse eu-lírico singular. Para tanto, Salgueiro, Ginzburg, Barbosa e demais aportes teóricos fundamentaram a análise de uma canção de cada álbum, *Eu Quero É Botar Meu Bloco na Rua* (1973); *Tem Que Acontecer* (1976); *Sinceramente* (1982) e *Cruel* (2006), buscando reconhecer no canto popular do artista aproximações com a poesia marginal e a resistência em seu fazer poético. Foi possível verificar, como aponta Salgueiro (2010) que “trata-se, pois, de uma nova proposta de testemunho – seja em período ditatorial, seja democrático – que a poesia pode nos ofertar: como lidar com a dor, no sentido existencial mais lato, de forma concomitantemente humorada e não alienada politicamente.” (p. 128), e pode-se perceber, portanto, que há no cancionero sampaiano um esforço ético e estético, que pode ser sintetizado em três grandes compromissos: não render-se aos desejos da indústria e do mercado, não restringir-se a um único movimento ou convenção artística, e driblar a censura ao mesclar de horror e humor.

Palavras-chave: Testemunho. Sérgio Sampaio. Música Popular.

Autoficção e memória durante as ditaduras na América Latina*

Noemi Lima Masters
Graduanda em Letras-Português
Universidade Federal do Espírito Santo
noemi.masters@gmail.com

Edna da Silva Polese
Doutora
Universidade Federal do Espírito Santo

*Pesquisa realizada via Programa Institucional de Iniciação Científica com financiamento CNPq entre 2024 e 2025.

Resumo: A pesquisa analisou um recorte das produções autoficcionais acerca de ditaduras latino-americanas, sobretudo, no Cone Sul. Centrado nas concepções de história, memória e registro narrativo que atravessam o tema, adotando uma metodologia interdisciplinar, de abordagem etnográfica, aliada ao estudo das estratégias discursivas e elementos composticionais dos textos, permeados por contextos de catástrofe e trauma. Como referencial teórico, Le Goff (1990) e Seligmann-silva (2003) subsidiam as teorias de história e memória; Doubrovsky (2014), Gasparini (2014) e Weinhardt (2015) a conceituação de autoficção; Klinger (2006) na condução dos estudos etnográficos; dentre outros. Foram analisadas quatro obras ficcionais: A resistência de Julián Fuks; K.: relato de uma busca de Bernardo Kucinski; Formas de voltar para casa de Alejandro Zambra e Primavera num espelho partido de Mario Benedetti, buscando reconhecer as particularidades da produção, identificando os traços distintivos do gênero e de que modo aproximam-se ou diferenciam-se, seja em composição ou temática. Confirmou-se a hipótese de que essas narrativas apresentam características distintivas, articulando de modo similar estratégias de enunciação, características estéticas e proposições éticas que atravessam a obra. Outro aspecto relevante foi observar de que modo foram punidos – ou não – os responsáveis pelo regime, verificando se esse aspecto interfere na tendência de produção ficcional. Dentre as estratégias que puderam ser observadas nos romances, a não-progressão linear ascendente da passagem de tempo; a multiplicidade de narradores e/ou modos de enunciação; a temática de filiação, a representação sensível da violência seja em atos episódicos ou de modo estrutural e cotidiano ou de Estado; o contraste entre diferentes gerações; a reflexão metaficcional e o trabalho hesitante de reconstrução das lacunas da memória destacam-se como mais frequentes. Enquanto Zambra (2014) e Benedetti (2009) apresentam um enfoque mais íntimo da vivência nas personagens, Fuks (2015) e Kucinski (2014) redefinem as relações entre rememoração pessoal e memória coletiva.

Palavras-chave: Ditaduras latino-americanas. Narrativa contemporânea. Memória.

“Jaz morto e arrefece”, de Clara Menéres: entre memórias da guerra colonial e dores universais

Paula Ribeiro Lobo

Doutora

Universidade Nova de Lisboa

pribeirolobo@fcsh.unl.pt

Resumo: Com uma violência até então inédita na escultura portuguesa, em Dezembro de 1973 Clara Menéres expôs em Lisboa “Jaz Morto e Arrefece o Menino de Sua Mãe”. A guerra colonial durava há mais de uma década, continuava a fazer milhares de mortos e já outros artistas tinham abordado o tema. Mas nesse trabalho da escultora, um manifesto de intervenção cívica em estética de hiper-realismo visceral, se sintetizaram os sonhos adiados ou desfeitos de uma geração inteira, a contestação à guerra e à ditadura do Estado Novo, o prenúncio do fim do regime e do império português. Partindo do contexto de produção e recepção da obra, esta comunicação problematiza as suas articulações com memórias individuais e a memória colectiva. Analisando também como a peça de Clara Menéres tem vindo a ser reapresentada em mostras mais recentes, designadamente, no âmbito de uma exposição realizada no Museu do Santuário de Fátima em 2022-24, na qual se integrou como obra de arte contemporânea potenciadora de reflexão sobre dores universais.

Palavras-chave: Arte contemporânea; ditadura e guerra colonial; memória

Canções de Resistência e Poéticas da Desigualdade: Azagaia, Emicida e Jacek Kaczmarski diante da Violência do Poder

Renata Díaz-Szmidt

Doutora

Universidade Jaguelônica - Polônia

renata.diaz.szmidt@uj.edu.pl

Resumo: Esta comunicação propõe uma leitura comparativa da obra de três músicos e poetas que, em contextos políticos distintos — Azagaia (Moçambique), Emicida (Brasil) e Jacek Kaczmarski (Polônia) — transformaram a criação poético-musical em instrumento de crítica social, de memória histórica e de resistência ética. A análise apoia-se no referencial teórico da arte engajada (Sartre, 1948) e da estética da resistência (Rancière, 2004; Adorno, 1970), compreendendo a produção artística como prática de intervenção política e de reconfiguração do sensível.

Em Moçambique, Azagaia revela, através de um rap incisivo e abertamente político, as contradições de uma democracia pós-colonial marcada pela corrupção e pela continuidade de práticas autoritárias. No Brasil, Emicida reelabora o rap como discurso de consciência afro-diaspórica, deslocando o foco da denúncia direta para uma crítica humanista das hierarquias raciais e do legado colonial. Já na Polônia do período socialista, Jacek Kaczmarski converte a canção poética em metáfora da liberdade, produzindo uma resistência alegórica face à censura e ao controlo ideológico do regime.

Metodologicamente, o estudo baseia-se na análise comparada de discursos

poético-musicais, observando como estes artistas — situados entre África, América Latina e Europa — constroem pontes estéticas de resistência. As suas obras revelam que, em diferentes contextos geográficos e históricos, a arte emerge como espaço de enunciação crítica, de memória colectiva e de imaginação utópica. A comparação permite repensar a função social da música e da poesia perante a violência do poder, evidenciando a persistência de uma tradição transnacional de artistas que fazem da voz um lugar de denúncia e de esperança.

Palavras-chave: Arte e Libertação; Crítica do Poder; Resistência Estética.

A literatura como conhecimento sociológico: a esfera civil em *Cuarteles de invierno*, de Osvaldo Soriano

Roberto Oltramonti

Mestre

Hebrew University of Jerusalem/ Universität Bremen

Financiamento PhD Fellowship

daguerreo@hotmail.it

Resumo: Meu trabalho propõe uma leitura sociológica da literatura produzida durante a última ditadura militar argentina (1976–1983), compreendendo-a como um espaço privilegiado para a elaboração simbólica da experiência autoritária. A análise parte da sociologia da literatura — em especial das contribuições de Lucien Goldmann, Jeffrey C. Alexander e Jan Váňa — para pensar a obra *Cuarteles de invierno*, de Osvaldo Soriano, como um dispositivo de conhecimento sociológico sobre as formas de dominação e resistência que estruturam a vida sob regimes repressivos. Com base na teoria da esfera civil de Alexander, o estudo considera que, em contextos autoritários, os códigos simbólicos de inclusão e exclusão da esfera civil são apropriados pelo Estado, e que a literatura pode funcionar como contraesfera, reativando valores cívicos por meio da forma estética.

Inspirando-se também nas teorias elaborada por Váňa, minha leitura identifica em *Cuarteles de invierno* uma série de dispositivos estéticos — metáforas, rituais e performances — que condensam experiências sociais complexas. A narrativa, ambientada em uma pequena cidade controlada por autoridades militares, transforma eventos cotidianos como a missa, o festival e a luta de boxe em alegorias da normalização e do controle simbólico. Tais cenas revelam a performatividade da vida social sob a ditadura, em que a forma dos atos — e não seu conteúdo — determina a integração ou exclusão do sujeito.

Conclui-se que a obra de Soriano transcende a denúncia política imediata e oferece um conhecimento sociológico sensível do contexto particular da vida no regime argentino: ao articular forma literária, estrutura simbólica e experiência histórica, *Cuarteles de invierno* converte-se em um laboratório estético onde se comprehende como a ditadura disciplinava a vida cotidiana e produzia consentimento através da ritualização e da performatividade.

Palavras-chave: sociologia da literatura; esfera civil; ditadura argentina.

A poesia lampiônica e seu teor testemunhal

Rodrigo dos Santos Dantas da Silva
Doutorando em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
dyghusoueu@gmail.com

Resumo: A comunicação em tela, oriunda de pesquisa de doutorado em andamento, visa expor o caráter de testemunho de poemas de autoras e autores que tiveram suas produções publicadas no periódico alternativo gay, do período de abertura do regime militar brasileiro, Lampião da Esquina (1978-1981). Dentre os nomes presentes no segmento literário do periódico: Leila Míccolis, Glauco Mattoso, Fernando Wide, Renata Pallotini, Ulisses Tavares, dentre outros nomes. Apesar de os poemas lampiônicos não tratarem de traumas resultantes da ditadura, essas poéticas podem ser categorizadas como uma literatura de testemunho, porque carregam em si as vozes e registram as experiências de quem (sobre)viveu à censura, a repressão e a violência moral, institucional e policial daquele contexto, especialmente gays/lésbicas/travestis, e que, de certo, transformaram a sua luta em engajamento. São poéticas que preservam, em forma estética, a memória e a verdade de uma comunidade que precisou escrever para não ser esquecida (Foucault, 2015). Traz-se a essa discussão Oliveira e Thomaz (2020) para observar a relação entre literatura e ditadura, assim como Salgueiro (2012) e Seligman-Silva para tratar da literatura de testemunho.

Palavras-chave: Literatura e ditadura; Lampião da Esquina; Literatura de Testemunho

Arte como alvo: a mobilização de afetos da extrema direita na última década

Rodrigo Hipólito
Mestre
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Fapes
objetoquadrado@gmail.com

Resumo: Esta comunicação analisa a instrumentalização de produções e símbolos artístico-culturais por grupos de extrema direita no Brasil, entre 2016 e 2025, como veículo para a mobilização política de afetos. O recorte apresenta a articulação entre estética reacionária, transfobia, homofobia, machismo, puritanismo e racismo religioso, intensificados no cenário político nacional pós-2016. O problema central reside em compreender de que modo a arte torna-se alvo para ativar e gerenciar afetos como o medo, o ódio e o ressentimento. Analiso mecanismos retóricos empregados nesse processo, com a identificação de repertórios discursivos que articulam ataques a populações vulneráveis com uma narrativa de “guerra cultural”. O referencial teórico anora-se em estudos sobre a anatomia do fascismo (Paxton, 2004; Stanley, 2018; Boito Jr.; 2021) e a conceituação de extrema direita no Brasil (Dibai, 2020; Santos; Miranda, 2020; Casimiro, 2021; Maia, 2023); economia afetiva (Ahmed, 2014; Bonet, 2025) e mobilização das emoções em mídias digitais (Pinheiro-Machado, 2025); e reflexões sobre o conflito agonístico (Mouffe, 2005; Cunha,

2022). A noção de necropolítica (Mbembe, 2018) fundamenta a interpretação das dinâmicas de exceção direcionadas a corpos dissidentes. Entende-se que a extrema direita brasileira opera uma dupla movência em relação à arte: a depreciação e o ataque a expressões consideradas degeneradas, associadas a pautas progressistas e identidades dissidentes; e a exaltação e o uso de uma arte dita tradicional e nacionalista, alinhada a símbolos religiosos e patrióticos. Conclui-se que a arte funciona como um dispositivo afetivo eficaz para a politização de mal-estares sociais, o que permite a tradução de conflitos estruturais complexos em inimigos concretos e a consequente legitimação de um projeto político iliberal. A estética da provocação e do memético mostrou-se central para a formação de uma comunidade emocional coesa, que vê na censura e no aniquilamento simbólico do outro a garantia de uma ordem social purificada.

Palavras-chave: arte e política; violência política; guerra cultural.

Mulheres do povo tupiniquim: papéis sociais, trajetórias e resistência

Solveig Josefina Villegas Zerlin
Pós-doutoranda em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
Financiamento Fapes
villegaszerlin@gmail.com

Resumo: Esta comunicação tem por objetivo destacar o tratamento das mulheres do povo tupiniquim, seus papéis sociais, sua resistência e luta nas últimas décadas no contexto das comunidades indígenas do município de Aracruz, Espírito Santo a partir das narrativas reunidas nos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) do Curso de Licenciatura Intercultural Indígena pertencente ao Programa de Formação Superior e Licenciaturas Indígenas (PROLIND) da Universidade Federal do Espírito Santo. Desenvolvemos uma pesquisa qualitativa constituída em uma análise documental com perspectiva de gênero decolonial. O corpus está conformado por três trabalhos selecionados dentre o acervo de TCC do PROLIND, cujos temas centram-se na atuação das mulheres tupiniquim e suas trajetórias no desenvolvimento de suas aldeias. As categorias que perpassam nossa abordagem são: papéis sociais com perspectiva de gênero decolonial (SEGATO, 2010; PAREDES: 2008), corpos (TAYLOR, 2013) e ancestralidade (KRENAK; 2022; 1992). Compreendemos que a atuação das mulheres do povo tupiniquim e seu engajamento nas comunidades faz parte de um ativismo político e cultural que, consistentemente, enfrenta múltiplas formas de violência e apagamento.

Palavras- chave: Mulheres tupiniquim, papéis sociais, PROLIND.

O livro Inventário do medo (1997) de Lara de Lemos: poesia contra a ditadura

Sorrana Nikely Rodrigues de Souza

Graduada

Universidade Federal do Espírito Santo

Financiamento Capes

sorrananikely@gmail.com

Resumo: A pesquisa procura apontar de que modo, na obra *Inventário do medo* (1997), Lara de Lemos recupera experiências traumáticas que, embora pessoais, estendem-se a toda uma geração. Após uma revisão sintética da fortuna crítica, a obra será lida, sobretudo, à luz das considerações de Theodor W. Adorno em seu clássico texto “Palestra sobre lírica e sociedade” (1957), particularmente quando o autor afirma: “A referência ao social não deve levar para fora da obra de arte, mas sim levar mais fundo para dentro dela”. A pesquisa se justifica pela necessidade de colaborar com a preservação da memória dos horrores da ditadura civil-militar que assolou o Brasil entre 1964 e 1985, buscando evitar sua repetição e contrapor-se ao negacionismo e ao elogio da barbárie no Brasil recente. A despeito de sua relevância histórica e estética, a poesia de Lara de Lemos ainda é pouco estudada, e esta investigação pretende contribuir para diminuir tal lacuna na crítica literária brasileira.

Palavras-chave: poesia e ditadura; testemunho; memória; Lara de Lemos; Theodor Adorno.

ARQUIVO GRACIELA CARNEVALE: ARTE, RESISTÊNCIA E SOBREVIVÊNCIA NA DITADURA MILITAR ARGENTINA

Tainan Barbosa

Doutoranda em Estudos Artísticos – Arte e Mediações

Universidade Nova de Lisboa

tainanbarbosa@fcsh.unl.pt

Resumo: Este trabalho propõe uma reflexão sobre as relações entre arte, política e memória no contexto da ditadura militar argentina (1976–1983), a partir da trajetória da artista Graciela Carnevale e da constituição do Arquivo Graciela Carnevale. Tomando como ponto de partida as ações do Grupo de Vanguarda de Rosário, analisam-se os desdobramentos da radicalização estética e política daquele período, atravessada pela repressão estatal, pela destruição de vínculos afetivos e pelo exílio de artistas. Nesse percurso, o arquivo emerge como espaço de sobrevivência, reconstrução e disputa simbólica. A comunicação propõe investigar as dimensões éticas e políticas do gesto arquivístico de Carnevale, compreendendo-o não como simples conservação documental, mas como prática crítica e afetiva que recusa a neutralidade institucional. O Arquivo Graciela Carnevale é entendido como um campo de contaminação entre a experiência pessoal, a memória coletiva e a reinterpretação histórica, em que a artista atua simultaneamente como testemunha, mediadora e produtora de sentido. Discute-se ainda a inserção do arquivo na Red de Conceptualismos del Sur, destacando as tensões entre ativismo, institucionalização e preservação da potência crítica das práticas artísticas dissidentes. A exposição do arquivo —

como inventário e como mostra — é abordada em sua ambiguidade: gesto de partilha e visibilização, mas também risco de despolitização e neutralização. Assim, esta proposta busca compreender as continuidades e rupturas entre a artista e a arquivista, interrogando em que medida o arquivo traduz o passado em prática política contemporânea, e como o trabalho de Carnevale reinscreve, no presente, as lutas e memórias que o autoritarismo tentou apagar.

Cordéis Políticos: crítica e sátira ao bolsonarismo, em versos, na imprensa do Espírito Santo

Vitor Bourguignon Vogas

Doutor

Universidade Federal do Espírito Santo

vbvogas@gmail.com

Resumo: De 2019 a 2022, o Brasil foi governado por uma mentalidade de extrema-direita que, no limite, remonta ao nazifascismo culminante na Segunda Guerra Mundial. Em minha tese de doutorado, “Literatura e política: conflitos, ditaduras, guerras em verso e prosa”, defendida em 2024 no Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) da Ufes, examino como tal “sistema de pensamento” ressoa em nosso presente, com o recrudescimento da extrema-direita consubstanciada no “bolsonarismo”, fazendo uma escala nas ditaduras do Cone Sul nos anos 1970. Para isso, encadeio sete ensaios sobre autores diversos, seguidos por uma compilação de 39 “Cordéis Políticos” de minha autoria. Ancorado na linha de pesquisa “escrita criativa”, aporto essa produção original e autoral de textos de natureza híbrida que transitam entre o registro jornalístico e o testemunho artístico-literário de acontecimentos e personagens reais que marcaram a política brasileira de 2014 a 2024. Tal produção decorre do meu trabalho como jornalista profissional em veículos da imprensa capixaba no referido período. Quase todos os textos foram efetivamente publicados em veículos locais, propondo-se como “análises políticas (e satíricas) elaboradas em formato de cordel”. Neles, resgato e reatualizo a estética e a tradição da narrativa poética enraizada na cultura popular brasileira, particularmente no Nordeste. Além do trabalho de versificação, buscando conferir-lhes cadência e musicalidade, faço emprego farto da sátira, bem como de metáforas e alegorias. Concluo que, ao longo dessa década de atuação profissional como jornalista e de produção de Cordéis Políticos – coincidente com o período de ascensão e consolidação do “bolsonarismo” no Brasil –, posso ter escrito, de maneira não premeditada, uma “crônica cronológica, em cordel, do recrudescimento da extrema-direita e do autoritarismo político no Brasil entre 2014 e 2024”. Em minha comunicação no Colóquio Arte e Política, pretendo apresentar as bases de minha proposta e dois dos cordéis compilados em minha tese.

Palavras-chave: Cordéis Políticos; bolsonarismo; jornalismo.

Notas sobre cinismo na prosa de Chico Buarque

Vitor Siqueira Macieira
Doutorando em Letras
Universidade Federal do Espírito Santo
vitorsmacieira@gmail.com

Resumo: Esta comunicação propõe uma apresentação de resultados parciais da pesquisa de doutorado intitulada “Ecos de cinismo na prosa de Chico Buarque”, que investiga o cinismo como assinatura estético-temática na prosa de Chico Buarque, analisando as obras “Ulisses” (1967), *Chapeuzinho Amarelo* (1970), *Fazenda Modelo* (1974), *Estorvo* (1991), *Benjamim* (1995), *Budapeste* (2003), *Leite derramado* (2009), *O irmão alemão* (2014), *Essa gente* (2019), *Anos de chumbo: e outros contos* (2021) e *Bambino a Roma* (2024). Frente a uma fortuna crítica que, de modo geral, privilegia a ironia, a intertextualidade e a crítica social ampla, o estudo propõe, originalmente, a noção de uma assinatura literária buarqueana, marcada por uma letra de inspiração cínica que dialoga com a tradicional crítica social da produção do autor. Fundamentado na interseção literatura-história-filosofia-psicanálise, o trabalho busca analisar como o cinismo moderno, conforme especificam Safatle (2008), Sloterdijk (2012) e Žižek (1992; 1996), opera, nos textos narrativos do autor, como ferramenta estético-política, oscilando entre denúncia e conformação, materializando a banalização da violência, na justificativa perversa da desigualdade, na ironia que esvazia o engajamento, na autocomplacência do intelectual, na nostalgia distorcida de um passado opressor ou na adesão resignada a mecanismos perversos de poder. A abordagem qualitativa, de viés crítico-historiográfico, busca mapear as expressões do cinismo nas obras selecionadas, compreendendo-as como estratégia discursiva de enfrentamento simbólico à tradição autoritária que atravessa a história do país.

Palavras-chave: Chico Buarque. Cinismo. Assinatura literária de letra cínica.